

Expectativa de Vida por Raça ou Cor no Brasil

CEDEPLAR-UFMG

e

Instituto Mobilidade e Desenvolvimento Social – Imds

DIRETOR-PRESIDENTE

Paulo Tafner

GERENTE ADMINISTRATIVO-FINANCEIRA

Carolina Roiter

Elaboração de conteúdo

Laura Carvalho Andrade

Cássio Maldonado Turra

Artigo No. 08 (AR-IMDS-08-2024)

Novembro de 2024

Rio de Janeiro, RJ

www.imdsbrasil.org

Expectativa de Vida por Raça ou Cor no Brasil

Resumo

Este estudo, realizado em parceria com pesquisadores do Cedeplar/UFMG, investiga as diferenças de expectativa de vida ao nascer entre negros e brancos no Brasil. Utilizando uma combinação de informações do IBGE e estatísticas de mortalidade do SUS, foram estimadas as esperanças de vida para diferentes grupos raciais e de gênero. Os resultados indicam que mulheres brancas nascidas entre 2010 e 2019 têm uma expectativa de vida ao nascer de 80,06 anos, enquanto as mulheres negras alcançam 76,01 anos. Homens brancos têm expectativa de vida de 74,52 anos, enquanto negros têm 68,65 anos, com diferença de 5,87 anos. Contudo, estas diferenças são mais acentuadas nos primeiros 30 anos de vida e diminuem com o avanço da idade. Entre os homens, 10% da diferença decorre da mortalidade na infância (0-4 anos), e aproximadamente 38% está associada à maior incidência de mortes entre homens negros de 15 a 34 anos, das quais 83,6% são atribuídas à. No caso das mulheres, a maior diferença concentra-se entre 35 e 59 anos, devido a taxas mais elevadas de mortalidade por neoplasias e doenças respiratórias em mulheres negras. As diferenças de esperança de vida observadas estão intrinsecamente ligadas a fatores socioeconômicos, incluindo condições de pobreza, acesso a saneamento e água potável, acesso desigual à educação e exposição à violência. Isso demonstra a urgente necessidade de políticas e ações públicas focadas em saneamento, abastecimento de água e em grupos mais vulneráveis.

1. INTRODUÇÃO

A expectativa de vida é um indicador fundamental da mortalidade, capaz de sintetizar uma ampla variedade de fatores que afetam o bem-estar da população. Compreender as variações na expectativa de vida entre diferentes subgrupos populacionais é, portanto, de suma importância. No entanto, a mensuração da expectativa de vida por subgrupos apresenta desafios metodológicos complexos, como a baixa qualidade dos registros de óbitos e a presença do viés do numerador-denominador, que surge da utilização de dados provenientes de diferentes fontes (Chiavegatto et al., 2014).

Nos registros de óbitos, essa informação é frequentemente baseada em heteroclassificação, ou seja, determinada pela percepção de terceiros, como médicos. Em contraste, nos censos demográficos, a informação é geralmente obtida por autodeclaração, embora muitas vezes respondida por informantes secundários em nome de todos os moradores do domicílio. Essa discrepância introduz erros e disparidades tanto nos numeradores quanto nos denominadores das taxas de mortalidade. Além disso, a percepção de raça ou cor dos indivíduos está sujeita a influências políticas e socioeconômicas, tornando a reclassificação racial ao longo do tempo um fenômeno comum no contexto brasileiro (Cunha et al., 2010).

Diante dos desafios impostos pela inconsistência entre dados de diferentes fontes e pela reclassificação racial, este projeto buscou estimar a expectativa de vida por raça ou cor no Brasil utilizando métodos intercensitários de estimação, que permitiram mitigar os erros presentes nos dados de óbitos e população. Dessa forma, foram obtidas estimativas de expectativa de vida ao nascer para mulheres e homens, desagregadas por raça ou cor, nos períodos de 2000–2009 e 2010–2019.

Após uma avaliação minuciosa dos métodos utilizados, foi recomendado o uso dos resultados do Método 5, uma técnica iterativa intercensitária (Merli, 1998) com correção dos dados de população para uma perspectiva de heteroidentificação, detalhada no Segundo Relatório Técnico. A partir da análise do diferencial racial nas expectativas de vida estimadas, um objetivo secundário do projeto emergiu: examinar a contribuição dos grupos etários e das causas de morte para o diferencial racial na expectativa de vida ao nascer no Brasil, durante os períodos 2000–2009 e 2010–2019.

Apesar da consistência interna indicada pelos métodos intercensitários aplicados, é crucial destacar a discrepância entre as expectativas de vida ao nascer obtidas através desses métodos e as estimativas oficiais publicadas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e pela Organização das Nações Unidas (ONU). Por exemplo, de acordo com o IBGE, a expectativa de vida ao nascer feminina no Brasil em 2015 era de 79,05 anos, enquanto a ONU estimava um valor ligeiramente inferior, de 78,5 anos. Em contraste, o Método 5 apontou que a expectativa de vida feminina mais alta para esse período, estimada para mulheres brancas, era de 77,26 anos.

Considerando a consistência interna do padrão etário de mortalidade, foi proposto um ajuste do nível da distribuição de mortalidade estimada para alinhar as estimativas por raça ou cor com o nível geral de mortalidade oficial reportado pela ONU. Após esses ajustes finais, as

expectativas de vida ao nascer para o período 2000–2009 foram estimadas em: 76,66 (mulheres brancas), 72,48 (mulheres negras), 70,42 (homens brancos) e 65,23 (homens negros). Além disso, para o período 2010–2019, foram estimadas as seguintes expectativas de vida: 80,06 (mulheres brancas), 76,01 (mulheres negras), 74,52 (homens brancos) e 68,65 (homens negros).

Por fim, é importante ressaltar que apesar do uso de métodos que buscam atenuar as inconsistências e problemas nos dados, as estimativas de expectativa de vida obtidas continuam apresentando diversas limitações e vulnerabilidades a erros de naturezas distintas. Cada método aplicado possui pressupostos próprios, e as tentativas de corrigir inconsistências, como o ajuste da classificação racial para consistência entre os dados de população e de óbitos, baseiam-se em suposições. Conforme apresentado em relatório anterior, a discrepância entre os resultados de cada método é considerável, demonstrando a sensibilidade das estimativas e o desafio que representa desenvolvê-las no cenário brasileiro.

Este projeto foi estruturado em três Relatórios Técnicos. O Primeiro Relatório focou na análise da composição dos subgrupos raciais, abordando variáveis como idade, sexo, escolaridade e rendimento domiciliar per capita. O Segundo Relatório concentrou-se na estimativa da expectativa de vida ao nascer por raça ou cor, utilizando seis abordagens metodológicas diferentes. Por fim, o Terceiro Relatório ofereceu uma decomposição por idade e causa de morte do diferencial de expectativa de vida ao nascer entre as populações brancas e negras.

A seguir, serão apresentados resumos de cada relatório, detalhando o objetivo principal, a metodologia empregada, os principais resultados encontrados e as considerações pertinentes. Concluiremos com uma síntese das principais conclusões e recomendações do projeto.

2. SÍNTESE DOS RELATÓRIOS TÉCNICOS

2.1 Primeiro Relatório – Análise da composição populacional dos subgrupos raciais

Objetivo e contexto

O primeiro relatório buscou analisar a composição e possíveis variações de composição dos subgrupos de raça ou cor. São apresentadas análises descritivas das PNADs de 1987, 1988, 1997, 1998, 2007, 2008, 2017 e 2018, nas suas versões compatibilizadas pelo projeto Data Zoom PUC-Rio. A análise buscou avaliar a consistência das informações por raça ou cor ao longo dos anos consecutivos da pesquisa.

Essa análise é importante porque, ao desagregar os subgrupos raciais para analisar a mortalidade segundo raça ou cor, a composição desses subgrupos torna-se de extrema relevância. Por exemplo, evidências apontam que, independentemente de localidade ou período analisado, indivíduos pertencentes a grupos socioeconomicamente desfavorecidos enfrentam riscos de morte mais elevados em comparação àqueles com maiores níveis de renda ou escolaridade (Cutler, Deaton e Lleras-Muney 2006). Dessa forma, as diferenças na expectativa de vida entre

grupos raciais podem ser influenciadas tanto pelas disparidades na composição desses grupos, como pela variação nos níveis de mortalidade.

Principais resultados

- **Escolaridade:** Houve uma redução significativa na proporção de pessoas com 25 anos ou mais sem instrução ou com ensino fundamental incompleto, para todos os subgrupos raciais. Apesar desta melhoria, os diferenciais raciais na educação persistem. Em 2008, 14,1% da população autodeclarada branca possuía ensino superior completo. Em contraste, apenas 4,6% da população parda e 4% da população preta tinham o mesmo nível de escolaridade.
- **Rendimento domiciliar per capita:** Há marcantes disparidades de rendimento entre a população autodeclarada branca e os pardos e pretos. Em 2017, na mediana do rendimento domiciliar per capita, representada pelo percentil 50%, as pessoas autodeclaradas pretas possuíam, em média, o equivalente a 62% da renda das autodeclaradas brancas. Essa disparidade se amplia nos percentis seguintes: no percentil 99%, a população autodeclarada preta detém, em média, apenas 42% da renda daqueles que se autodeclararam brancos.

Outras considerações

As discrepâncias na composição por nível de instrução e renda entre grupos raciais são de suma importância, pois as diferenças nas expectativas de vida entre subgrupos podem ser significativamente influenciadas por essas disparidades. Portanto, é essencial uma interpretação cuidadosa das expectativas de vida estimadas por raça ou cor. Além disso, observa-se uma mudança substancial no tamanho e na composição dos grupos raciais ao longo das décadas, o que reforça a necessidade de calcular e analisar a sobrevivência dos diferentes grupos raciais separadamente para cada período.

2.2 Segundo Relatório – Estimativas da Expectativa de Vida ao Nascer por raça ou cor no Brasil (2000-2019)

Objetivo e contexto

O segundo relatório apresentou as estimativas de expectativa de vida por raça ou cor no Brasil para as décadas de 2000-2009 e 2010-2019, utilizando dados dos Censos Demográficos de 2000, 2010 e 2022, juntamente com informações de óbitos referentes ao período de 2000 a 2019, disponibilizados pelo Ministério da Saúde. A qualidade inadequada dos dados de óbitos anteriores ao ano de 2000 impossibilitou a realização de estimativas para a década de 1990.

A mensuração da expectativa de vida em por subgrupos raciais é uma tarefa complexa. Os

desafios metodológicos incluem a baixa qualidade das informações nos registros de óbitos, afetada por variáveis ausentes ou incorretamente preenchidas. Além disso, as taxas de mortalidade ainda são afetadas pela utilização de dados provenientes de diferentes fontes (Chiavegatto et al. 2014). Nos registros de óbitos, essa informação é frequentemente baseada em heteroclassificação, ou seja, determinada pela percepção de terceiros, como médicos. Em contraste, nos censos demográficos, a informação é geralmente obtida por autodeclaração, embora muitas vezes respondida por informantes secundários em nome de todos os moradores. Além disso, a autopercepção de raça ou cor dos indivíduos está sujeita à conjuntura política e dinâmicas socioeconômicas.

Metodologia

Foram aplicados seis métodos distintos para abordar os desafios metodológicos na estimação da mortalidade por raça ou cor.

- **Métodos de Tabela de Vida Padrão (1, 2 e 3):** esses métodos calculam a expectativa de vida com base nas taxas de mortalidade observadas, mas são suscetíveis a vieses de sub-registro de óbitos e inconsistência na classificação racial.
- **Métodos Intercensitários Iterativos (4, 5 e 6):** esses métodos utilizam um processo iterativo para combinar as informações dos Censos Demográficos e dos registros de óbitos, corrigindo erros nas taxas de crescimento e inconsistências na classificação racial.

No Método 1 não são aplicadas correções. Nos Métodos 2 e 5, a população é corrigida para a perspectiva de heteroclassificação, enquanto nos Métodos 3 e 6 os óbitos são corrigidos para a perspectiva de autoclassificação. As técnicas empregadas para as correções adicionais, bem como suas justificativas e pressupostos são explicadas em detalhe no Segundo Relatório Técnico.

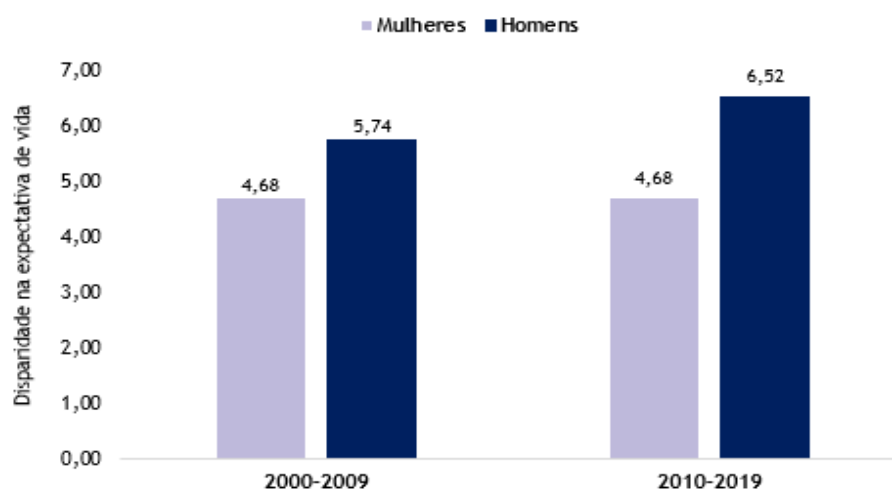
Principais resultados

- O Método 5, com correção da população para heteroclassificação, apresenta resultados consistentes com o Método 4, mas é considerado mais confiável, uma vez que incorpora correções das inconsistências entre os dados de população e os dados de óbitos.
- Segundo o método 5, entre 2000 e 2009 a expectativa de vida ao nascer para mulheres brancas foi de 74,86 anos, enquanto para mulheres negras (combinando pardas e

pretas) foi de 70,17 anos. No mesmo período, a expectativa de vida ao nascer para homens brancos foi de 68,17 anos, em comparação com 62,43 anos para homens negros.

- No período subsequente, de 2010 a 2019, a expectativa de vida ao nascer estimada pelo Método 5 para mulheres brancas aumentou para 77,26 anos, enquanto para mulheres negras subiu para 72,58 anos. Para os homens, a expectativa de vida ao nascer entre os brancos aumentou para 71,32 anos, enquanto entre os negros foi de 64,80 anos.

Figura 1 – Disparidade na expectativa de vida ao nascer entre brancos e negros segundo o Método 5 de estimação, Brasil 2000 a 2019



Fonte: elaboração dos autores.

As estimativas indicam que, entre os períodos de 2000–2009 e 2010–2019, o hiato na expectativa de vida ao nascer entre as populações brancas e negras permaneceu estável entre as mulheres, em 4,68 anos. Em contraste, para os homens, essa diferença aumentou de 5,74 anos para 6,52 anos, conforme ilustrado na Figura 1.

Outras considerações

- Os métodos de tabela de vida padrão aplicados não produzem estimativas confiáveis de expectativa de vida por raça ou cor.
- Os métodos baseados em estimativas intercensitárias demonstram-se mais confiáveis, no entanto há uma discrepância entre as estimativas obtidas por esses métodos e as estimativas oficiais publicadas pelo IBGE. As estimativas do método subestimam a expectativa de vida ao nascer.

- Necessidade de compreender a tendência de estabilidade do diferencial racial na expectativa de vida ao nascer entre mulheres e o aumento desse diferencial entre homens. Para isso, é essencial analisar a contribuição de cada grupo etário e de cada causa de morte para o hiato na expectativa de vida ao nascer entre as populações brancas e negras.

2.3 Terceiro Relatório – Decomposição da diferença da expectativa de vida ao nascer entre brancos e negros no Brasil (2000-2019)

Objetivo

O terceiro relatório apresentou a decomposição da diferença de expectativa de vida ao nascer entre as populações brancas e negras no Brasil. O objetivo foi compreender melhor a tendência de diminuição do diferencial racial na expectativa de vida ao nascer entre mulheres e o aumento desse diferencial entre homens.

Metodologia

Foi aplicado o método de decomposição de Arriaga (1984) para entender a contribuição de cada grupo etário e das causas de morte para a formação do hiato na expectativa de vida ao nascer entre as populações brancas e negras. A aplicação da decomposição pelo método de Arriaga envolve essencialmente dois passos fundamentais: primeiramente, a decomposição do hiato por grupos etários e, em seguida, a decomposição por causas de morte dentro de cada grupo etário.

Principais resultados

Decomposição por idade – contribuição dos grupos etários para a disparidade na expectativa de vida ao nascer por raça ou cor

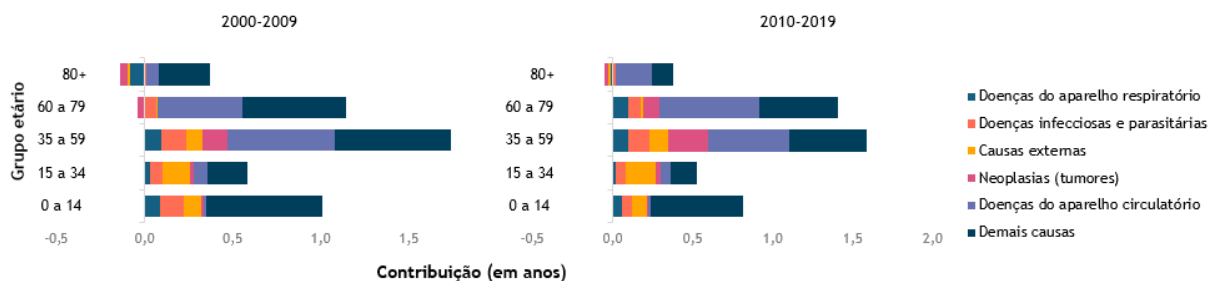
- Entre as mulheres, em ambos os períodos (2000 a 2009 e 2010 a 2019), todos os grupos etários apresentaram contribuição positiva, ou seja, atuaram no sentido de aumentar a vantagem das mulheres brancas na expectativa de vida ao nascer. O grupo etário que mais contribuiu para a diferença de expectativa de vida entre mulheres brancas e negras foi o grupo de 0 a 4 anos, em ambos os períodos analisados.

- Entre os homens, todos os grupos etários contribuíram para ampliar a vantagem de expectativa de vida dos brancos em relação aos negros. No período de 2000 a 2009, as faixas etárias de 15 a 59 anos foram responsáveis por 73,2% da diferença de 5,74 anos na expectativa de vida ao nascer. No período de 2010 a 2019, essas mesmas faixas etárias explicaram 71,7% da diferença de 6,52 anos na expectativa de vida.

Decomposição por causa – contribuição dos grupos etários e causas de morte para a disparidade na expectativa de vida ao nascer por raça ou cor

As Figura 2 e 3 permitem identificar as principais causas de morte que contribuíram para a diferença na expectativa de vida ao nascer entre mulheres brancas e negras e homens brancos e negros, em cada grupo etário.

Figura 2 – Contribuição dos grupos etários e das causas para a disparidade na expectativa de vida ao nascer entre **mulheres** brancas e negras, Brasil, 2000–2019 e 2010–2019

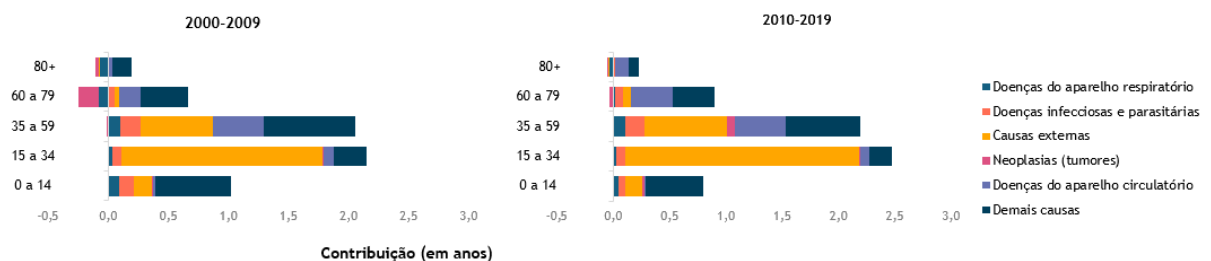


Fonte: elaboração dos autores a partir de dados do SIM/Datasus e SIDRA/IBGE.

- No período 2000–2009, a contribuição total das “Demais causas” para a diferença de expectativa de vida entre mulheres brancas e negras foi de 2,43 anos, representando 51,9% do diferencial. As doenças do aparelho circulatório responderam por 1,25 anos (26,6%) dessa diferença.
- Em 2010 a 2019, a contribuição total das “Demais causas” para a diferença de expectativa de vida entre mulheres brancas e negras foi de 1,85 anos, correspondendo a 39,6% do diferencial. Houve um aumento na contribuição das doenças do aparelho circulatório, que responderam por 1,44 anos (30,7%) para o diferencial de expectativa de vida ao nascer de 4,68 anos.

- Entre 2000 e 2009, a diferença na expectativa de vida ao nascer entre homens brancos e negros foi de 5,74 anos (Figura 1). A maior contribuição para essa disparidade decorreu da maior mortalidade de homens negros por causas externas. Especificamente, a contribuição total das causas externas para a diferença na expectativa de vida entre homens brancos e negros foi de 2,46 anos, correspondendo a 42,9% do diferencial (Figura 3).

Figura 3 – Contribuição dos grupos etários e das causas para a disparidade na expectativa de vida ao nascer entre **homens** brancos e negros, Brasil, 2000–2019 e 2010–2019



Fonte: elaboração dos autores a partir de dados do SIM/Datasus e SIDRA/IBGE.

- No período de 2010 e 2019, a diferença na expectativa de vida ao nascer entre homens brancos e negros aumentou para 6,52 anos (Figura 1). A maior contribuição para essa diferença deriva da maior mortalidade de homens negros por causas externas. Durante esse período, a contribuição total das causas externas para a diferença de expectativa de vida foi de 3,03 anos, correspondendo a 46,4% do diferencial. Este valor representa um aumento de 8,2% em relação ao período de 2000 a 2009.

Outras considerações

- O aumento do diferencial entre homens brancos e negros é impulsionado pela maior mortalidade de homens negros por causas externas, especialmente entre 15 e 34 anos.
- Enquanto a diferença na expectativa de vida entre homens brancos e negros aumentou em 13,6% entre os períodos de 2000–2009 e 2010–2019, as contribuições das causas externas e das doenças do aparelho circulatório aumentaram em 8,2% e 24,6%, respectivamente. Embora o aumento proporcional da contribuição das doenças do aparelho circulatório tenha sido maior, as causas externas continuam sendo a principal fonte do diferencial de expectativa de vida entre homens brancos e negros.

- Se não fosse a maior mortalidade de homens negros por causas externas, a diferença de expectativa de vida entre esses grupos no período 2010–2019 poderia ser até 3,03 anos menor.

3. CONSIDERAÇÕES GERAIS

Embora este estudo tenha produzido estimativas da expectativa por raça ou cor e elucidado o aumento do diferencial entre homens brancos e negros, é fundamental destacar que essas estimativas estão sujeitas a diversas limitações e possíveis erros inerentes aos pressupostos dos métodos utilizados e às técnicas de correção aplicadas. Esses fatores podem influenciar a precisão e a confiabilidade dos resultados. Ainda assim, o projeto representou um avanço significativo na estimativa da mortalidade por raça ou cor no Brasil, destacando os complexos desafios metodológicos envolvidos nesse processo.

As estimativas indicam que as desigualdades raciais na expectativa de vida ao nascer persistem entre homens e mulheres, com causas de morte específicas afetando os subgrupos raciais de maneiras distintas. Nesse contexto, é importante ressaltar o papel das condições de pobreza. Independentemente de raça ou cor, há uma relação inversa entre status socioeconômico e a prevalência de morbidade e mortalidade. Indivíduos em condições socioeconômicas mais desfavorecidas enfrentam maiores riscos de morte em comparação àqueles com níveis mais elevados de renda ou escolaridade (Cutler, Deaton e Lleras-Muney, 2006). A análise da composição populacional dos subgrupos raciais mostrou que os indivíduos autodeclarados pardos e pretos têm uma maior proporção de pessoas com menores níveis de educação e renda.

Além disso, pertencer a grupos socioeconomicamente desfavorecidos está diretamente associado a uma maior exposição a condições adversas de saúde, que podem impactar os riscos de mortalidade ao longo da vida. Um exemplo disso é a exposição precoce a doenças infecciosas e parasitárias. Mesmo que essas doenças não resultem em morte durante a infância, elas podem deixar marcas biológicas nos indivíduos, tornando-os mais frágeis e suscetíveis a outras enfermidades na vida adulta (Preston et al., 1998). Esse cenário reforça a importância de políticas públicas voltadas à redução dessas desigualdades.

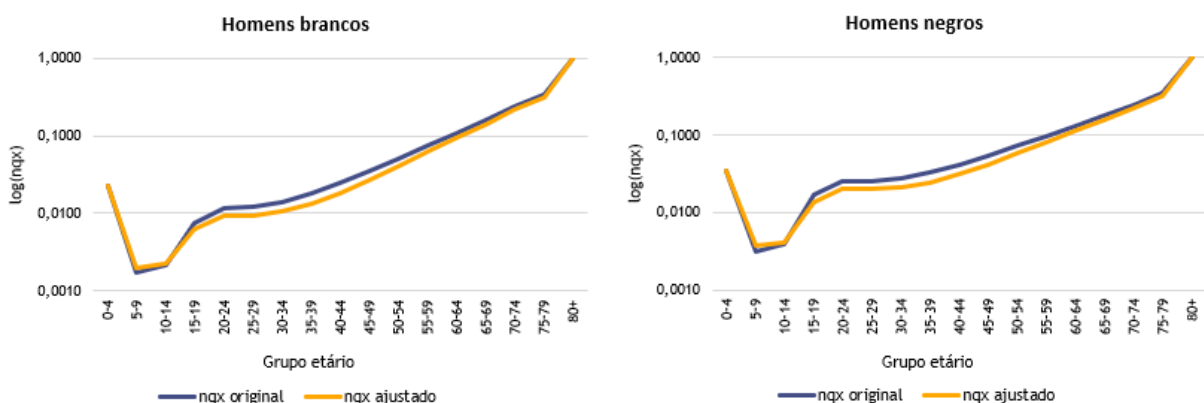
Por fim, é fundamental destacar as discrepâncias entre as expectativas de vida obtidas por meio dos métodos de estimação empregados e as estimativas oficiais publicadas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e pela Organização das Nações Unidas (ONU). Por exemplo, de acordo com o IBGE, a expectativa de vida ao nascer feminina no Brasil em 2015 era de 79,05 anos, enquanto a ONU estimava um valor ligeiramente inferior, de 78,5 anos. Em contraste, o Método 5 apontou que a expectativa de vida feminina mais alta para esse período, estimada para mulheres brancas, era de 77,26 anos. Essa discrepância pode ser atribuída a possíveis violações dos pressupostos do método de estimação utilizado.

Considerando a consistência do padrão etário de mortalidade observado nas estimativas (conforme discutido no Segundo Relatório Técnico), é viável ajustar o nível da distribuição de mortalidade estimada para alinhar as estimativas por raça ou cor com o nível geral de mortalidade oficial reportado pela ONU. Este ajuste será detalhado na seção seguinte, e as tabelas de vida ajustadas estão disponíveis no Anexo deste relatório.

4. AJUSTE ADICIONAL NAS FUNÇÕES DE MORTALIDADE PARA AUMENTAR A CONSISTÊNCIA ENTRE AS ESTIMATIVAS POR RAÇA OU COR E O NÍVEL GERAL DE MORTALIDADE REPORTADO PELO IBGE

O Método 5 resulta em expectativas de vida ao nascer, tanto para os subgrupos raciais quanto para a população total, menores do que as estimativas oficiais para a população total no Brasil calculadas pelo (IBGE) e por outros institutos (ONU). De um lado, o Método 5 tem a vantagem de reduzir possíveis inconsistências entre o numerador e denominador das taxas de mortalidade na metodologia padrão, por estar menos sujeito, por exemplo, a menores efeitos dos erros de declaração de idade. No entanto, seria possível confiar integralmente nas estimativas do Método 5 apenas se ele não estivesse sujeito a outros tipos de vieses descritos neste trabalho. Portanto, considerando que é importante manter coerência com as estimativas nacionais, foi realizado um ajuste nos níveis da mortalidade geradas pelo Método 5. Este ajuste considera a razão entre as probabilidades de morte (nqx) da população geral, conforme reportadas pela ONU (World Population Prospects, 2024), e as probabilidades de morte da população geral estimadas a partir do Método 5. Essas razões são então aplicadas às probabilidades de morte por subgrupos raciais e as tabelas de vida são recalculadas separadamente por sexo, de forma que a média ponderada das expectativas de vida por raça ou cor se aproxime do valor da expectativa de vida oficial da ONU para a população geral brasileira. Abaixo, é apresentado um exemplo para os homens no período de 2000–2009.

Figura 4 – Ajuste da função de probabilidade de morte (nqx) de homens brancos e negros, Brasil, 2000–2009



Fonte: elaboração dos autores

Como apresentado na Figura 4, o ajuste aplicado pouco altera o padrão etário, concentrando-se principalmente no nível da função de mortalidade, que, após o ajuste, encontra-se em um nível mais baixo do que o original.

Como exemplo, tomemos a expectativa de vida ao nascer masculina estimada pela ONU para a população geral em 2005 (meio da década 2000–2009) igual a 68,48 anos (World Population Prospects, 2024). Segundo o Método 5, esse número era de 66,01 anos. Para os homens brancos, a expectativa de vida estimada pelo Método 5 era de 68,17 anos, comparada a 62,43 anos para homens negros. Após o ajuste, a expectativa de vida ao nascer de homens brancos passou para 70,42 anos, enquanto a de homens negros passou para 65,23 anos. Assim, a média ponderada das expectativas de vida ao nascer ajustadas se aproxima à média geral da ONU de 68,48 anos.

Ao final de todos os ajustes realizados, como apresenta a Tabela 1, as expectativas de vida ao nascer indicam diferenças nos níveis de mortalidade por raça/cor que variaram de 4,05 anos para mulheres em 2010–2019 a 5,87 anos para homens em 2010–2019 (para demais funções das tabelas de vida, ver Tabelas 1 a 4 do Anexo):

Tabela 1 – Resumo das Expectativas de Vida ao Nascer por raça/cor, para diferentes períodos e sexo, Brasil

Período/Sexo	Raça/Cor		Diferença
	Branca	Negra (Pretos + Pardos)	
2000-2009			
Mulheres	76,66	72,48	4,18
Homens	70,42	65,23	5,19
2010-2019			
Mulheres	80,06	76,01	4,05
Homens	74,52	68,65	5,87

Fonte: elaboração dos autores.

Referências Bibliográficas

- Arriaga, E. E. (1984). **Measuring and explaining the change in life expectancies**. *Demography*, 21(1), 83-96.
- Arriaga, E. E. (1989). **Changing trends in mortality decline during the last decades**.
- Chiavegatto Filho, A. D. P., Beltrán-Sánchez, H., & Kawachi, I. (2014). **Racial disparities in life expectancy in Brazil: challenges from a multiracial society**. *American journal of public health*, 104(11), 2156-2162.
- Cunha, E.M.G.P.; Muniz, J.O.; Jakob, A.A.E.; Cunha, J.M.P. (2010). **Life tables by race: a comparison among methods**. Paper presented at the 14th National Meeting for Population Studies, ABEP, held in Caxambu MG Brazil, from September 20th to September 24th, 2010.
- Cutler, D., Deaton, A., & Lleras-Muney, A. (2006). **The determinants of mortality**. *Journal of economic perspectives*, 20(3), 97-120.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Características étnico-raciais da população : um estudo das categorias de classificação de cor ou raça: 2008**. (2011). Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?id=249891&view=detalhes>. Acesso em: 1 de mar. 2024.
- Merli, M. G. (1998). **Mortality in Vietnam, 1979-1989**. *Demography*, 35(3), 345-360.
- Muniz, J. O. (2023). **Iterative intercensal single-decrement life tables using Stata**. *The Stata Journal*, 23(3), 813-834.
- PCDaS. Plataforma de Ciência de Dados aplicada à Saúde. Laboratório de Informação em Saúde (Lis). Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde (Icict). Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz). Endereço: <https://pcdas.icict.fiocruz.br>. DOI: <https://doi.org/10.7303/syn25882127>
- Preston, S. H., Hill, M. E., & Drevenstedt, G. L. (1998). **Childhood conditions that predict survival to advanced ages among African-Americans**. *Social science & medicine*, 47(9), 1231-1246.
- Souza, LG. (2023). **Diferencial de gênero na mortalidade no município de São Paulo, 1920 a 2020: padrões por idade e causas de morte**. Tese (Doutorado em Demografia) – Programa de Pós-Graduação em Demografia, Cedeplar – UFMG, Belo Horizonte.
- World Population Prospects (2024). The 2024 Revision. United Nations Department of Economic and Social Affairs 2024. <<https://population.un.org/wpp>>

ANEXO

Tabela 1 – Tabela de vida por raça ou cor, estimada a partir do método intercensitário iterativo, com correção da população (autoidentificação → heteroidentificação) e nível de mortalidade ajustado para consistência com as estimativas oficiais da população total - Brasil, **2000–2009**,

Grupo etário	Mulheres				Mulheres			
	Branca				Negra (Parda + Preta)			
	<i>ndx</i>	<i>lx</i>	<i>nqx*</i>	<i>ex</i>	<i>ndx</i>	<i>lx</i>	<i>nqx*</i>	<i>ex</i>
0–4	1.820	100.000	0,0182	76,66	2.901	100.000	0,0290	72,48
5–9	144	98.180	0,0015	73,07	260	97.099	0,0027	69,63
10–14	136	98.037	0,0014	68,18	237	96.840	0,0024	64,81
15–19	203	97.901	0,0021	63,27	339	96.603	0,0035	59,96
20–24	255	97.698	0,0026	58,39	435	96.264	0,0045	55,16
25–29	305	97.443	0,0031	53,54	553	95.829	0,0058	50,40
30–34	403	97.138	0,0042	48,70	736	95.277	0,0077	45,68
35–39	560	96.735	0,0058	43,89	1.007	94.540	0,0106	41,02
40–44	846	96.175	0,0088	39,13	1.475	93.533	0,0158	36,43
45–49	1.296	95.329	0,0136	34,45	2.168	92.059	0,0235	31,97
50–54	1.974	94.033	0,0210	29,89	3.070	89.891	0,0341	27,68
55–59	3.001	92.059	0,0326	25,48	4.272	86.821	0,0492	23,56
60–64	4.615	89.058	0,0518	21,25	5.998	82.549	0,0727	19,64
65–69	7.193	84.443	0,0852	17,26	8.496	76.552	0,1110	15,97
70–74	10.776	77.250	0,1395	13,62	11.402	68.055	0,1675	12,64
75–79	15.353	66.474	0,2310	10,40	14.524	56.653	0,2564	9,65
80+	51.121	51.121	1,0000	7,74	42.129	42.129	1,0000	7,08

Fonte: Elaboração própria a partir de dados do SIM/Datasus, Ipums International, SIDRA/IBGE e UN World Population Prospects 2024.

****nqx* corresponde à probabilidade de morte no grupo etário**

Tabela 2 – Tabela de vida por raça ou cor, estimada a partir do método intercensitário iterativo, com correção da população (autoidentificação → heteroidentificação) e nível de mortalidade ajustado para consistência com as estimativas oficiais da população total - Brasil, **2000–2009**,

Homens								
Grupo etário	Branca				Negra (Parda + Preta)			
	<i>ndx</i>	<i>lx</i>	<i>nqx*</i>	<i>ex</i>	<i>ndx</i>	<i>lx</i>	<i>nqx*</i>	<i>ex</i>
0–4	2.278	100.000	0,0228	70,42	3.518	100.000	0,0352	65,23
5–9	191	97.722	0,0020	67,05	357	96.482	0,0037	62,59
10–14	214	97.530	0,0022	62,18	396	96.126	0,0041	57,82
15–19	609	97.316	0,0063	57,31	1.331	95.730	0,0139	53,04
20–24	898	96.707	0,0093	52,65	1.899	94.399	0,0201	48,75
25–29	891	95.809	0,0093	48,12	1.870	92.500	0,0202	44,70
30–34	993	94.919	0,0105	43,55	1.937	90.629	0,0214	40,57
35–39	1.232	93.925	0,0131	38,98	2.192	88.692	0,0247	36,40
40–44	1.681	92.694	0,0181	34,47	2.738	86.500	0,0316	32,26
45–49	2.434	91.012	0,0267	30,06	3.511	83.762	0,0419	28,23
50–54	3.626	88.579	0,0409	25,81	4.662	80.251	0,0581	24,35
55–59	5.280	84.953	0,0622	21,80	6.081	75.589	0,0805	20,69
60–64	7.453	79.673	0,0935	18,07	7.794	69.508	0,1121	17,27
65–69	10.095	72.220	0,1398	14,66	9.666	61.714	0,1566	14,12
70–74	13.303	62.125	0,2141	11,62	11.635	52.047	0,2235	11,26
75–79	15.322	48.822	0,3138	9,08	12.784	40.412	0,3163	8,75
80+	33.500	33.500	1,0000	7,09	27.628	27.628	1,0000	6,64

Fonte: Elaboração própria a partir de dados do SIM/Datasus, Ipums International, SIDRA/IBGE e UN World Population Prospects 2024.

***nqx corresponde à probabilidade de morte no grupo etário**

Tabela 3 – Tabela de vida por raça ou cor, estimada a partir do método intercensitário iterativo, com correção da população (autoidentificação → heteroidentificação) e nível de mortalidade ajustado para consistência com as estimativas oficiais da população total - Brasil, 2010–2019,

Grupo etário	Mulheres							
	Branca				Negra (Parda + Preta)			
	<i>ndx</i>	<i>lx</i>	<i>nqx*</i>	<i>ex</i>	<i>ndx</i>	<i>lx</i>	<i>nqx*</i>	<i>ex</i>
0-4	1.124	100.000	0,0112	80,06	1.801	100.000	0,0180	76,01
5-9	73	98.876	0,0007	75,96	129	98.199	0,0013	72,39
10-14	89	98.803	0,0009	71,02	154	98.070	0,0016	67,48
15-19	174	98.714	0,0018	66,08	304	97.916	0,0031	62,59
20-24	210	98.540	0,0021	61,19	361	97.612	0,0037	57,77
25-29	240	98.331	0,0024	56,31	433	97.251	0,0045	52,98
30-34	330	98.091	0,0034	51,45	604	96.817	0,0062	48,20
35-39	478	97.761	0,0049	46,61	880	96.214	0,0092	43,49
40-44	685	97.282	0,0070	41,83	1.213	95.333	0,0127	38,87
45-49	1.031	96.597	0,0107	37,11	1.759	94.120	0,0187	34,33
50-54	1.551	95.566	0,0162	32,48	2.500	92.361	0,0271	29,94
55-59	2.339	94.015	0,0249	27,97	3.517	89.861	0,0391	25,70
60-64	3.513	91.677	0,0383	23,62	4.860	86.344	0,0563	21,64
65-69	5.371	88.164	0,0609	19,45	6.926	81.484	0,0850	17,77
70-74	7.969	82.793	0,0963	15,54	9.371	74.558	0,1257	14,17
75-79	12.827	74.824	0,1714	11,91	13.536	65.187	0,2077	10,83
80+	61.997	61.997	1,0000	8,83	51.651	51.651	1,0000	7,97

Fonte: Elaboração própria a partir de dados do SIM/Datasus, Ipums International, SIDRA/IBGE e UN World Population Prospects 2024.

****nqx* corresponde à probabilidade de morte no grupo etário**

Tabela 4 – Tabela de vida por raça ou cor, estimada a partir do método intercensitário iterativo, com correção da população (autoidentificação → heteroidentificação) e nível de mortalidade ajustado para consistência com as estimativas oficiais da população total - Brasil, 2010–2019,

Homens

Grupo etário	Branca				Negra (Parda + Preta)			
	<i>ndx</i>	<i>lx</i>	<i>nqx*</i>	<i>ex</i>	<i>ndx</i>	<i>lx</i>	<i>nqx*</i>	<i>ex</i>
0-4	1.421	100.000	0,0142	74,52	2.166	100.000	0,0217	68,65
5-9	88	98.579	0,0009	70,59	151	97.834	0,0015	65,16
10-14	128	98.491	0,0013	65,65	252	97.682	0,0026	60,26
15-19	553	98.363	0,0056	60,73	1.491	97.430	0,0153	55,40
20-24	755	97.810	0,0077	56,06	1.883	95.940	0,0196	51,22
25-29	722	97.056	0,0074	51,47	1.716	94.056	0,0182	47,20
30-34	784	96.333	0,0081	46,84	1.745	92.340	0,0189	43,03
35-39	963	95.550	0,0101	42,20	1.966	90.595	0,0217	38,81
40-44	1.291	94.587	0,0136	37,61	2.331	88.629	0,0263	34,61
45-49	1.900	93.296	0,0204	33,09	3.025	86.299	0,0351	30,47
50-54	2.802	91.396	0,0307	28,73	3.929	83.273	0,0472	26,49
55-59	4.113	88.594	0,0464	24,55	5.204	79.345	0,0656	22,67
60-64	5.880	84.482	0,0696	20,62	6.749	74.141	0,0910	19,07
65-69	8.261	78.601	0,1051	16,96	8.720	67.393	0,1294	15,72
70-74	10.660	70.340	0,1515	13,65	10.311	58.673	0,1757	12,67
75-79	14.361	59.680	0,2406	10,62	12.700	48.362	0,2626	9,81
80+	45.319	45.319	1,0000	8,17	35.661	35.661	1,0000	7,39

Fonte: Elaboração própria a partir de dados do SIM/Datasus, Ipums International, SIDRA/IBGE e UN World Population Prospects 2024.

****nqx* corresponde à probabilidade de morte no grupo etário**